

# Teoria e prática da tradução: o papel do tradutor

Ana Paula Trevisani

Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil. E-mail: [anatrevisani@gmail.com](mailto:anatrevisani@gmail.com)

**RESUMO.** Nas últimas décadas, pode-se afirmar que os Estudos em Tradução vêm passando por um momento de transição em que a complexidade do fenômeno da tradução passa a ser tratada de uma maneira nova, ou seja, deixa de lado ideais positivistas ao levar em conta fatores que conferem à ciência um caráter mais relativista. Neste artigo, com base em um estudo bibliográfico de caráter não-extensivo, são feitas algumas reflexões preliminares, fundamentadas na análise sobre como alguns autores, sob essa nova perspectiva (Pym, 2005; Venuti, 2002; Arrojo, 1996), abordam o papel do tradutor. O que fica evidente nos estudos apresentados é a crescente complexidade que a ênfase na pessoa do tradutor parece revelar, a ponto de ser proposta uma abordagem sobre uma Sociologia de Tradutores (Pym, 2005), que enfatize os tradutores como mediadores em seus respectivos contextos sociais.

**Palavras-chave:** estudos da tradução, papel tradutor, contexto social.

**ABSTRACT. Theory and practice of translation: the translator's role.** In the last decades, particularly, the field of Translation Studies has been experiencing, one might say, a transition period. The complexity of the translation phenomenon was more extensively dealt with when positivist ideals, such as that of the "perfectly ethical" translation, gave way to contextual factors, which conferred a more relativist and scientific character to the field. This article consists of a bibliographical non-extensive study. Some preliminary reflections are developed, based on an analysis of how some authors under this new perspective (Pym, 2005; Venuti, 2002; Arrojo, 1996) approach the role of the translator. The analysis evidenced a growing complexity on the studies here presented when emphasis on the translator was given. One of the studies even brings a proposal suggesting a Sociology of Translators (Pym, 2005), which is to emphasize translators as mediators within their respective social contexts.

**Key words:** translation studies, translator's role, social context.

## Introdução

A respeito de uma concepção de tradução, o filósofo alemão, Friedrich Schleiermacher, no início do século XIX, afirmou:

Mesmo os contemporâneos não separados por dialetos, pertencentes a distintas classes sociais que, pouco relacionadas em seu trato, divergem muito em sua formação, muitas vezes só conseguem se entender através de uma intermediação. Mas não é freqüentemente que precisamos traduzir o discurso de um outro que é igual a nós, porém de personalidade e mentalidade diferentes, quando sentimos que as mesmas palavras teriam um sentido bem diferente na nossa boca ou ao menos um valor mais forte ou mais fraco que na dele e que, se quiséssemos expressar à nossa maneira o mesmo que ele expressou, utilizaríamos palavras e expressões totalmente diferentes? Assim, definindo mais de perto esse sentimento, e ele se transformando em pensamento para nós, parece que traduzimos (Schleiermacher, 2001, p. 27).

Na visão do autor, no momento em que se assimila o discurso de outro, transformando-o em seu próprio entendimento, há o sentimento de que se realizou uma tradução. Essa concepção ampla do fenômeno da tradução parece quase dissolver os limites entre o conceito de tradução e os de interpretação e comunicação. De acordo com o filósofo, a tradução tem por objetivo comunicar um conhecimento. Assim, dentro dessa visão, o que é denominado tradução entre línguas, isto é, a comunicação de conhecimentos entre línguas diferentes, torna-se um dos tipos de tradução, ao lado do que ele chama de tradução intralingua<sup>1</sup>, ou seja, comunicação de conhecimentos dentro da mesma língua. Por tratar-se de uma questão ampla, e pela dificuldade, desse modo, de entrar no mérito de tudo que pertence a esse campo, Schleiermacher restringe sua discussão a questões referentes ao

<sup>1</sup> Esta, por sua vez, pode ser ainda interpessoal, como exemplo, a situação exposta na citação acima, ou intrapessoal, ou seja, o autor de um discurso, escrito há algum tempo atrás, sente que suas palavras precisam ser atualizadas (traduzidas) para que continuem sendo suas.

processo de tradução entre línguas. De fato, a Ciência da Tradução, tal como é conhecida hoje, trata dos processos e implicações da tradução de uma língua para outra.

Nas últimas décadas, pode-se afirmar que os Estudos da Tradução vêm passando por um momento de transição em que a complexidade do fenômeno da tradução passa a ser tratada de uma maneira nova, ou seja, deixa de lado ideais positivistas ao levar em conta fatores que conferem à ciência um caráter mais relativista e, por conseguinte, menos idealista e mais científico. Nas palavras de Arrojo (1996, p. 62);

A partir de uma dessacralização do “original” e dos conceitos tradicionais de autoria e leitura, e da conseqüente aceitação de que traduzir é inevitavelmente interferir e produzir significados, num contexto em que se começam a reavaliar as relações tradicionalmente estabelecidas entre teoria e prática e ao abandonar a perseguição inócua da leitura desvinculada da história e suas circunstâncias, a reflexão sobre tradução sai das margens dos estudos lingüísticos, literários e filosóficos que sempre buscaram a repetição do mesmo e o algoritmo infalível da tradução perfeita e assume um lugar de destaque no pensamento contemporâneo filiado à pós-modernidade.

Ao que parece, essa revisão do fenômeno da tradução consiste em uma expansão dos limites do texto para o obscuro território das dimensões sócio-histórico-culturais reconhecidas em estreita relação com o processo tradutório. No entendimento de Pym (2005), também, a valorização de fatores contextuais trata-se de uma tendência geral que influenciou os Estudos em Tradução, proveniente, sobretudo, de avanços em disciplinas como a Lingüística, os Estudos Literários, a Sociolingüística, a Análise do Discurso e os Estudos Culturais. Para o autor, “o impacto da teoria crítica do discurso, particularmente em Foucault, convidou teóricos da tradução a visualizarem texto e contexto em termos de formações discursivas, efetivamente estendendo a textualidade ao domínio social”<sup>2</sup> (2005, s/p)<sup>3</sup>.

Neste artigo, que se caracteriza como um estudo de caráter bibliográfico não-extensivo, são feitas algumas reflexões preliminares, fundamentadas na análise sobre como alguns autores, sob essa nova perspectiva (Pym, 2005; Venuti, 2002; Arrojo, 1996), abordam o papel do tradutor. Houve mudanças nesse sentido? Até que ponto questões como a

*cultura de origem e a cultura de chegada, circunstâncias sócio-históricas e aspectos lingüísticos*, implicadas no processo de tradução, também se estendem efetivamente à *pessoa do tradutor*? Ou seja, como o afetam?

Como ponto de partida, são apresentados os métodos de tradução propostos pelo filósofo alemão Friedrich Schleiermacher (2001), em meados do século XIX, os quais, de certo modo, influenciaram discussões sobre ética em tradução, como em Berman (1992). Passa-se, então, a uma breve discussão sobre a relativização do ideal de tradução para, finalmente, indicar até que ponto essa tendência envolve a pessoa do tradutor.

### O tradutor, seu método e sua ética

Como a maioria das questões relacionadas à língua, o processo tradutório exigido ao comunicar conhecimentos de uma língua em termos de outra chega a ser profundamente complexo. A natureza de tal complexidade que envolve o processo de tradução pode ser atribuída aos laços estreitos entre determinada língua e seus usuários na imensa variedade de práticas discursivas em que se envolvem por meio de seu uso. Assim, teoria e prática do processo de tradução de uma língua para outra estão fundamentalmente relacionadas a uma concepção de língua como uma dimensão inseparável dos falantes de uma sociedade, sua cultura, seus valores, sua política e ideologias. Quanto a tal aspecto, Schleiermacher (2001, p. 37) afirma que:

[...] cada pessoa é dominada pela língua que fala, ela e todo seu pensamento são um produto dela. Uma pessoa não poderia pensar com total clareza nada o que estivesse fora dos limites dessa língua; a configuração de seus conceitos, a forma e os limites de sua combinabilidade lhe são apresentados através da língua na qual nasceu e foi educada, inteligência e fantasia são delimitadas através dela.

Acrescenta, ainda, que, por outro lado, “é a força viva do indivíduo [social] que dá novas formas à matéria formadora da língua” (p. 37). Com isso, o autor mostra o indivíduo como produto de determinada língua, bem como a língua como produto do indivíduo (social). Assim, pode-se postular que uma língua determina sua comunidade de falantes da mesma maneira que a convivência em sociedade cria necessidades de expressar novas idéias, exercendo, também, esses falantes, sua influência sobre a língua e contribuindo para seu desenvolvimento ao longo da história.

Ao considerar tal grau de indissociabilidade entre uma língua e as práticas sociais vivenciadas pelos indivíduos por meio dessa língua, tem-se a impressão de que traduzir práticas lingüísticas de

<sup>2</sup> The impact of critical discourse theory, particularly as in Foucault, has invited translation theorists to view text and context in terms of discursive formations, effectively extending textuality into the social domain.

<sup>3</sup> As traduções das citações de obras estrangeiras são de responsabilidade desta autora.

determinada cultura em termos de uma outra língua, objetivando atingir outra comunidade de falantes, seja tarefa inexecutável. Pensando nesse impasse, Schleiermacher (2001, p. 43) propõe dois diferentes métodos de tradução de relação contraditória: “A meu ver, só existem dois. Ou o tradutor deixa o autor em paz e leva o leitor até ele [o autor]; ou deixa o leitor em paz e leva o autor até ele [o leitor]”.

No primeiro caso, o tradutor estaria empenhado em substituir a compreensão da língua de origem, que falta ao leitor, objetivando tornar a leitura do estrangeiro mais familiar a este. Schleiermacher, no entanto, posiciona-se em favor do segundo método, para o qual “o tradutor deve almejar proporcionar ao seu leitor uma imagem e um prazer tal como a leitura da obra na língua original oferece ao homem [...] admirador e conhecedor. A língua estrangeira lhe é familiar, mas sempre continua estranha” (p. 49). Dessa concepção decorre o ideal da tradução ética, aquela que não apaga a estranheza do estrangeiro, mas que conduz o leitor ao autor e proporciona àquele a oportunidade de conhecer e apreciar o que é diferente de si, ainda que haja riscos, como o próprio Schleiermacher reconhece: “o raio de ação e a vocação dessa forma de traduzir permanecem bastante inseguros” (p. 49).

Essa questão da ética em tradução é abordada em Berman (1992). O autor retoma os métodos de tradução discutidos por Schleiermacher e, tal como o filósofo alemão, faz críticas ao método que adapta uma obra, o qual ele chama, ainda, de tradução etnocêntrica ou reducionista: “Uma tradução ruim, considero aquela que, à guisa da transmissibilidade, conduz a uma negação sistemática da estranheza da obra estrangeira”<sup>4</sup> (Berman, 1992, p. 6). Por outro lado, o autor defende um traduzir que, segundo ele, carrega o “objetivo ético” da tradução:

O principal objetivo da tradução [...] é diametralmente oposto à estrutura etnocêntrica de cada cultura, aquela espécie de narcisismo pela qual toda sociedade deseja ser um Todo puro e não-adulterado [...] A cultura da Roma Antiga, a cultura francesa clássica e a cultura norte-americana moderna são clássicos exemplos disso [...] Entretanto, por outro lado, o *propósito ético* da tradução é, por sua própria natureza, oposto a essa injunção: a essência da tradução deve representar uma abertura, um diálogo, um cruzamento, ser descentralizadora. Tradução representa um “estabelecer contato entre”, ou um *nada*<sup>5</sup> (Berman, 1992, p. 4).

<sup>4</sup> A bad translation I call the translation which, generally under the guise of transmissibility, carries out a systematic negation of the strangeness of the foreign work.

<sup>5</sup> The very aim of translation [...] is diametrically opposed to the ethnocentric structure of every culture, that species of narcissism by which every society wants to be a pure and unadulterated Whole [...] Ancient Roman culture,

Os diferentes métodos propostos por Schleiermacher, bem como a ética defendida por Berman podem ser considerados fundamentos nos estudos em tradução. Com relação ao papel do tradutor, este parece confundir-se com o papel da própria obra: a tradução em si. Essa fusão de papéis pode ser observada quando Berman destaca a imagem amplamente difundida da invisibilidade do tradutor, expressa nos termos *traduttore, traditore* (“tradutor, traidor”): “Daí [...] o apagamento do tradutor o qual procura ‘fazer de si insignificante’, ser um humilde mediador de obras estrangeiras, e sempre um traidor, embora se auto-retrate adepto à fidelidade”<sup>6</sup> (p. 4). Logo em seguida, o autor expõe sua intenção de “[...] mediar essa repressão à tradução, assim como as ‘repressões’ latentes”<sup>7</sup> (p. 4, grifo meu).

Além do apagamento e da traição, os estudos também apontam que a pessoa do tradutor é, geralmente, tratada com neutralidade, particularmente no que se refere às razões que levam o tradutor a optar por um ou outro método: o etnocêntrico ou o dito ético. No entanto, transpor as “impossibilidades de tradução” de uma língua para outra, conforme salienta Lane-Mercier (*apud* Esteves (2005), repetidas vezes, obriga o tradutor a fazer escolhas procedimentais que acabam interferindo no texto-fonte/original e, por conseguinte, nos seus efeitos de sentido. Assim, a decisão, aparentemente simples, de manter-se fiel ou não a um ideal de tradução ética (não-etnocêntrica ou não-adaptada), como propõe Berman (1992), torna-se profundamente complexa se for levar em consideração o universo do tradutor e suas escolhas, visto que interesses (de outra natureza) entram em jogo, os quais vão muito além de seu compromisso com o original, ou mesmo de sua possível preocupação com o conhecimento estrangeiro a ser proporcionado aos leitores. A ênfase em mapear, explicitar e discutir tais interesses proporciona um amadurecimento dos estudos em tradução e, progressivamente, coloca a pessoa do tradutor em foco, como será discutido a seguir.

### O universo do tradutor e suas escolhas

Arrojo (1996, p. 64) chama de “perda da inocência nos estudos da tradução” o

classical French culture, and modern North-American culture are striking examples of this [...] But, on the other hand, the *ethical aim* of translating is by its very nature opposed to this injunction: The essence of translation is to be an opening, a dialogue, a cross-breeding, a decentering. Translation is “a putting in touch with,” or it is *nothing*.

<sup>6</sup> Hence [...] the effacement of the translator who seeks ‘to make himself very small’, to be a humble mediator of foreign works, and always a traitor even as he portrays himself as fidelity incarnate.

<sup>7</sup> [...] meditate on this repression of translation and on the ‘resistances’ that underlie it.

reconhecimento de que não há uma ética dissociada dos interesses a que inevitavelmente serve o tradutor. Um desses interesses se relaciona à sua própria imagem, a qual tende a certa marginalidade. Como aponta Venuti (2002, p. 66), a tradução

[...] tem por objetivo direcionar-se a um público diferente ao atender às exigências de uma cultura e língua diferentes. Em vez de permitir uma compreensão verdadeira e desinteressada do texto estrangeiro, a tradução provoca o medo do erro, do amadorismo, do oportunismo – uma exploração abusiva da originalidade. E, na medida em que o tradutor focaliza as comunidades lingüísticas e culturais do texto estrangeiro, a tradução provoca o medo de que a intenção autoral possa não controlar seu significado e seu funcionamento sociais.

As palavras do autor revelam que, de qualquer forma, a reputação do tradutor torna-se questionável. Se, por um lado, ao optar pela adaptação, o tradutor corre o risco de “uma exploração abusiva da originalidade”, por outro, ao optar pela tradução tida como ética, o tradutor se arrisca à possibilidade da “intenção autoral não controlar seu significado e seu funcionamento sociais” no contexto de recepção do texto traduzido, ou seja, tal opção pode levar à produção de um texto que beire o incompreensível. Especialmente na literatura, mas também em traduções não-literárias, a pergunta que normalmente se faz é: até que ponto a originalidade do texto-fonte foi preservada? Venuti (2002, p. 65) assevera que, talvez, o fator principal da atual marginalidade da tradução, e mesmo da pessoa do tradutor, seja exatamente esse: “sua afronta contra o conceito predominante de autoria” e o conseqüente sentimento de desconfiança que causa nos leitores, desde leigos até críticos, e outros estudiosos do meio acadêmico.

Com isso, não se pretende discutir se há ou não qualquer interesse, consciente ou não, por parte do tradutor em co-autorar as obras que traduz. Entretanto, Venuti (2002, p. 87), ao propor uma redefinição da tradução, postula que esta “pode ser considerada uma forma de autoria, mas uma autoria agora redefinida como derivada e não auto-originária”. O autor argumenta que “[a] autoria não é *sui generis*; a escritura depende de materiais culturais pré-existentes, selecionados pelo autor, organizados numa ordem de prioridade, e reescritos (ou elaborados) de acordo com valores específicos” (p. 87). Desse modo, a partir do momento em que o tradutor é visto como pessoa, um ser humano social e ideológico, e não, por exemplo, uma ferramenta eletrônica, importa atentar ao fato de que, consciente ou inconscientemente, as escolhas feitas por ele

interferem de maneira inevitável na obra traduzida. Conforme Arrojo (1996, p. 64), essa nova perspectiva, que se volta à pessoa do tradutor,

[...] culmina com a necessidade urgente de se conscientizar tradutores acerca da responsabilidade que assumem ao aceitarem realizar até mesmo a mais simples das traduções. Se o tradutor e a tradutora não podem deixar de interferir e de tomar partido a cada opção que devem escolher, e se não podem mais contar com o conforto aparente da crença na possibilidade do acerto asséptico e acima de qualquer suspeita, inevitavelmente terão que lidar com a realidade essencialmente ‘humana’ do viés da tomada de posição.

Talvez repensar uma ética em tradução com base nessa linha de raciocínio seja mais tangível, apesar de não menos complexo.

Além da questão das escolhas, discutida acima, no que se refere ao universo que envolve o trabalho do tradutor, são perceptíveis as dificuldades que ele enfrenta para se firmar como profissional e alcançar maior reconhecimento, particularmente devido a questões mercadológicas. Esteves (2005, p. 343) alega que o processo de tradução, em todas as suas fases, é um processo de negociação: “negociam-se sentidos, éticas, visões, efeitos, preços, prazos e modos de trabalho”. No contexto brasileiro, por exemplo, a tradução é uma mercadoria negociada e com muitas limitações. Apesar de seu status de país “em desenvolvimento”, a dependência, tanto econômica quanto ideológica, de superpotências, como os EUA, reflete-se nas restrições do mercado editorial. Nesse ambiente, o tradutor não é livre para escolher como traduzir e muitas vezes a imposição de prazos não permite tempo nem disponibilidade para fazer uma tradução mais cuidada (Esteves, 2005, p. 341) ou mais consciente.

Ainda assim, é importante destacar alguns estudos, particularmente nas últimas décadas, que mostram qual tem sido o papel da tradução e do tradutor ao longo da história, bem como os efeitos de suas escolhas na formação de identidades culturais. Venuti (2002, p. 131) assinala que “uma tradução, ao circular na igreja, no estado e na escola, pode ter poder de manter ou revisar a hierarquia de valores na língua-alvo. A escolha calculada de um texto estrangeiro e da estratégia tradutória pode mudar ou consolidar cânones literários, paradigmas conceituais, metodologias de pesquisa, técnicas clínicas, e práticas comerciais na cultura doméstica”. O autor atribui tal poder não apenas às escolhas do tradutor, mas também a vários outros fatores implicados em seu universo.

Se os efeitos de uma tradução revelam-se conservadores ou transgressores vai depender fundamentalmente das estratégias discursivas desenvolvidas pelo tradutor, mas também dos vários fatores envolvidos na sua recepção, inclusive o layout da página e a arte da capa do livro impresso, a cópia para divulgação, a opinião dos resenhistas, o uso que é feito da tradução nas instituições socioculturais, o modo como é lida e ensinada (p. 131).

Essa abordagem de natureza sociológica, na qual se envolvem, ainda que não declaradamente, os estudos ora apresentados, é relativamente nova na Ciência da Tradução. Anthony Pym (2005, s/p) afirma que “importantes momentos têm ocorrido em e a respeito de estudos mais recentes da Tradução Descritiva [...] Entretanto, nenhuma dessas iniciativas formou ainda alguma ortodoxia que possa ser chamada de sociologia de tradutores”<sup>8</sup>. A proposta de Pym sobre uma Sociologia de Tradutores sugere a ênfase nos tradutores como mediadores e em seus respectivos contextos sociais. O autor aponta, ainda, algumas características que espera encontrar em futuras pesquisas, apesar de admitir que há muito por fazer e que o campo está aberto a pesquisas criativas.

A seguir, apresentam-se as características vislumbradas pelo autor (Pym, 2005, s/p), as quais resumem sua proposta de abordagem:

- Nossa sociologia deve ser capaz de enfocar mediadores, e não somente aspectos sociais de textos-fonte e textos de chegada;
- Deve resistir ao binarismo simplista que opõe uma sociedade (língua, cultura) a outra, com o mediador de um lado ou de outro. Deve ser capaz de perceber sobreposições e posicionamentos complexos;
- Deve abarcar ambos fatores culturais (normalmente qualitativos) e fatores sociológicos (na maioria, parcialmente quantitativos);
- Deve ser capaz de explicar, bem como descrever;
- Deve procurar explicações por meio de movimentos entre o cultural e o sociológico, sem atribuir *status* de explicações absolutas a um dos lados;
- Deve ser capaz de relacionar fatores em termos de correlações assimétricas ou relativamente simétricas, mediante hipóteses que moldem possíveis causas ou um condicionamento multifatorial;
- Não deve atribuir excessivos créditos a heróis importados da Sociologia (ou de quaisquer outras disciplinas relacionadas);
- Deve ser capaz de trabalhar com uma pluralidade de conceitos (culturas de tradução, sistemas sociais, regimes e interculturais) apropriados aos espaços sociais em que os intermediários atuam<sup>9</sup>.

<sup>8</sup> There have been important moments within and around more recent Descriptive Translation Studies [...] Yet none of these initiatives has yet formed any orthodoxy that might be called a sociology of translators.

<sup>9</sup> Our sociology should be able to focus on mediators, not just on the social aspects of source texts and target texts.

## Considerações finais

Este trabalho apresentou alguns estudos, sem, todavia, ter a intenção de esgotá-los. Trata-se de uma reflexão inicial sobre como o papel do tradutor vem sendo abordado recentemente. O que fica evidente nos estudos apresentados é a crescente complexidade que o assunto parece revelar, já que uma Sociologia de Tradutores sugere estudos cujos resultados vão depender do indivíduo tradutor (ou da comunidade de indivíduos tradutores) que se estuda e do ambiente (ou das culturas) em que ele(s) se insere(m).

Além disso, esse conjunto de leituras preliminares representa um primeiro passo para o desenvolvimento de um projeto de pesquisa que contemple o universo de tradutores de produções acadêmicas (tais como *abstracts* e artigos científicos, nas mais diversas áreas do conhecimento), no sentido de investigar diferentes concepções de tradutores com relação ao texto acadêmico, bem como relacionar tais concepções com o grau de interferência no texto de chegada.

Ao procurar enfocar uma das possíveis questões envolvidas no complexo processo da prática tradutória a partir de um número limitado de estudos na área, espera-se que este trabalho desperte nos interessados a necessidade de desenvolverem estudos extensivos sobre a questão para, assim, contribuir efetivamente no campo da tradução.

## Referências

ARROJO, R. Os estudos da tradução na pós-modernidade, o reconhecimento da diferença e a perda da inocência. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 1, p. 53-70, 1996.

BERMAN, A. *The experience of the foreign: Culture and translation in romantic Germany*. St. Heyvaert: State University of New York Press, 1992.

ESTEVEVES, L.M.R. Algumas reflexões sobre a ética na tradução. *Estudos lingüísticos XXXIV*, p. 340-344, 2005. Disponível em: <[http://www.gel.org.br/4publica-estudos-2005/4publicaestudos2005pdfs/algumasreflexoes618.pdf?SQMS\\_ESSID=a38ff79c82bcbe561e1c641326fd16c](http://www.gel.org.br/4publica-estudos-2005/4publicaestudos2005pdfs/algumasreflexoes618.pdf?SQMS_ESSID=a38ff79c82bcbe561e1c641326fd16c)>. Acesso em: 4 fev. 2007.

- It should resist the simple binarisms that oppose one society (language, culture) to another, with the mediator on one side or the other. It should be able to perceive overlaps and complex positions.

- It should embrace both cultural factors (usually qualitative) and sociological factors (mostly partly quantitative).

- It should be able to explain as well as describe.

- It should seek explanation by moving between the cultural and the sociological, without according absolute explanatory status to either side.

- It should be able to relate factors in terms of asymmetrical or relatively symmetrical correlations, through hypotheses that model causation or multifactorial conditioning.

- It should not pay undue allegiance to heroes imported from Sociology (or from any other discipline for that matter).

- It should be able to work from a plurality of concepts (translation cultures, social systems, regimes, interculturals) appropriate to the social spaces in which intermediaries work.

PYM, A. On the social and the cultural in translation studies. 2005. Disponível em: <<http://www.tinet.org/~apym/on-line/sociocultural>>. Acesso em: 4 fev. 2007.

SCHLEIERMACHER, F. Sobre os diferentes métodos de tradução. In: HEIDERMANN, W. (Org.). *Clássicos da teoria da tradução*. (Tradução de Margarete Von Mühlen

Poll). Florianópolis: UFSC, Núcleo de tradução, 2001. v. 1, p. 27-87.

VENUTI, L. *Escândalos da tradução*. Bauru: Edusc, 2002.

*Received on February 13, 2007.*

*Accepted on May 07, 2007.*